

“TUDO QUE ELES NÃO VEEM É O QUE A GENTE VIVE”: SOFRIMENTO E RESISTÊNCIA ENTRE JOGADORES PROFISSIONAIS DO FUTEBOL DA ÚLTIMA DIVISÃO DO BRASIL

“Everything they don’t see is what we live”: Suffering and resistance among professional football players in the lowest division of Brazilian football

Aleff Silva Aleixo¹

Resumo

Este artigo investiga as repercussões subjetivas do trabalho no futebol profissional da última divisão do campeonato brasileiro, enfocando principalmente as estratégias defensivas e formas de sustentação mobilizadas pelos jogadores para permanecer na profissão. Parte-se da compreensão do futebol não apenas como espetáculo esportivo, mas como organização do trabalho marcada por precariedade, instabilidade contratual, pressão por desempenho e intensa disciplina institucional. Metodologicamente, a pesquisa foi conduzida a partir de entrevistas semiestruturadas com 19 atletas de um clube da Série D do Campeonato Brasileiro, articuladas à observação participante realizada ao longo de seis meses na condição de psicólogo do clube. Os dados foram analisados à luz da antropologia/sociologia do esporte e da psicossociologia do trabalho. Os resultados apontam que a dinâmica institucional dos clubes da última divisão se organiza em torno da produção sistemática de incerteza e sofrimento, mobilizando mecanismos de controle, vigilância e concorrência permanentes. Em resposta a esse cenário, os jogadores recorrem a estratégias coletivas e simbólicas de elaboração do sofrimento, dentre as quais se destacam a religiosidade, a família, os coletivos de trabalho e o próprio desempenho da atividade futebolística. Conclui-se que os principais sustentáculos subjetivos da permanência na carreira são externos à instituição clubística, o que evidencia os limites das atuais discussões sobre saúde mental no futebol quando desvinculadas da organização concreta do trabalho nesses espaços.

Palavras-chave: Futebol; Futebol Profissional; Trabalho; Série D.

Abstract

This article investigates the subjective repercussions of labor in professional football within the lower divisions of the Brazilian championship, focusing primarily on the defensive strategies and forms of subjective support mobilized by players in order to remain in the profession. The study approaches football not merely as a sporting spectacle, but as a labor organization marked by precariousness, contractual instability, performance pressure, and intense institutional discipline. Methodologically, the research was conducted through semi-structured interviews with 19 athletes from a club competing in the Série D of the Brazilian Championship, combined with participant observation carried out over six months while acting as the club’s psychologist. The material was analyzed through the lenses of the anthropology of

¹ Professor Substituto do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba - Campus III. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3084-0855>. E-mail: aleffaleixo11@gmail.com.

sports and the psychosociology of work. The findings indicate that the institutional dynamics of lower-division clubs are organized around the systematic production of uncertainty and suffering, mobilizing permanent mechanisms of control, surveillance, and competition. In response to this context, players resort to collective and symbolic strategies for elaborating suffering, especially religiosity, family ties, work collectives, and the very experience of playing football itself. The study concludes that the main subjective supports sustaining permanence in the profession are external to the club institution, revealing the limits of current discussions on mental health in football when detached from the concrete organization of labor within these environments.

Keywords: Football; Professional Football; Labor; Série D.

Introdução

O futebol é um dos principais marcadores para se compreender a sociabilidade masculina no mundo. No Brasil, tido como mania nacional, é imprescindível para a compreensão da nossa formação social. Enquanto fenômeno sociocultural, é possível, a partir dele, extrair uma série de sínteses e leituras a respeito do Brasil como formação social: sua composição racial predominantemente preta e parda; sua organização como esporte e prática corporal; sua função enquanto entretenimento; as repercussões políticas nele e a partir dele; sua explosão como fenômeno midiático e de consumo; sua posição no imaginário popular a respeito de uma certa forma de ser brasileiro e de se jogar; dentre outras.

O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir (DaMatta, 1982, p. 21).

Neste artigo, o futebol é tomado a partir do que pode revelar sobre a organização do trabalho no país, mais especificamente, sobre como essa organização, em seus elementos inferiores, repercute subjetivamente naqueles que dele sobrevivem: os jogadores profissionais. Aqui, ele é tomado como meio de vida e, fundamentalmente, como trabalho. Assim, ele é fonte de realização e sentido para uns; e promotor de adoecimento para outros (Dejours, 2015). Nesse caminho, os jogadores-trabalhadores tecem uma série de representações, ideologias e narrativas sobre os caminhos que os levaram à profissão, num caminho que vai do sonho à realização e do dom concedido por Deus ao treinamento e enfrentamento do sofrimento.

O futebol traz em sua história, no Brasil, as marcas da construção racializada de seu capitalismo e mercado de trabalho (Moura, 2019). Até as primeiras décadas do século XX, o futebol era amador e sua prática era permitida apenas a atletas brancos. Alguns clubes, a exemplo do Vasco da Gama, se destacaram por permitir, ainda na década de 1930, a presença de atletas negros em seus quadros. A profissionalização demarcou a ampliação da presença de negros no futebol e a posterior associação dos sucessos do futebol brasileiro a elementos socioculturais de sua população afrodescendente (DaMatta, 1982).

Entretanto, a organização do futebol também mantém essas heranças. Damo (2005) aponta uma cisão racial na constituição predominantemente branca das diretorias dos clubes, que contrasta com a dominância preta e parda entre os atletas, a base do sistema futebolístico. Ademais, a Lei do passe (Lei n. 6.354/76), que perdurou por décadas, assegurava aos clubes todos os direitos econômicos sobre o jogador, considerado como propriedade do clube, numa clara herança escravocrata no futebol (Brasil, 1976).

A Lei Pelé, que revoga a Lei do Passe, desfaz o vínculo entre jogadores e clube após o término do contrato (Brasil, 1998). Na prática, isso significou uma flexibilização na relação jogador-clubes, com o atleta tendo mais liberdade para decidir individualmente seus rumos profissionais. Essa é uma liberdade de mercado, entretanto: na prática, as restrições da carreira, do mercado e a necessidade de outros capitais sociais (como empresários, agências, vínculos familiares etc.) ainda determinam os caminhos da carreira.

De acordo com Souza *et al.* (2022), de cada três mil jovens que almejam a carreira de jogador profissional de futebol, apenas um chegará ao objetivo. Alcançar esse objetivo não é o mesmo que enriquecer, uma vez que Tega (2014) identificou que apenas 20% dos jogadores profissionais têm rendimentos acima de cinco salários-mínimos. Isso impele muitos jogadores brasileiros a tentar a vida fora do país, predominantemente em países cuja tradição futebolística está ainda em formação (Damo, 2005).

A propagação realizada pela mídia esportiva, ao enfatizar apenas a crescente venda e compra de atletas pelos clubes e destacando os jogadores que alcançaram patamares salariais elevados, encobre a esmagadora maioria dos atletas registrados que ganham até mil reais

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

(82%) e, principalmente, o elevado número de desempregados nessa população (Souza *et al.*, 2022, p. 70).

Ademais, cabe lembrar, ainda com Damo (2005), que a formação de um jogador de futebol, no Brasil, é marcada por uma baixa reversibilidade. Isso quer dizer que os capitais dos quais o indivíduo será investido são tão especializados para o futebol que não são aproveitados em outras profissões. Frequentemente, a rotina exaustiva de treinos inviabiliza o estudo e a qualificação profissional, fazendo com que os mais jovens deixem a escola e os mais velhos encontrem dificuldades para retomar os estudos. Os clubes, por outro lado, oportunizam apenas a formação no ensino médio. O tempo de vida dedicado ao futebol raramente é aproveitado fora dali, de modo que a inserção dos expelidos pelo futebol no mercado de trabalho é tortuosa. A carreira no futebol é, assim, um empreendimento de risco, de curta duração, com baixas probabilidades de sucesso e com um custo muito alto em caso de fracasso.

De acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que gerencia o futebol profissional no país, no Brasil, há cerca de 882 clubes profissionais, com apenas 156 disputando o campeonato brasileiro, em suas quatro divisões (CBF, 2025). Isso implica dizer que uma parte significativa dos clubes do país não possuem calendário para o ano todo, tendo seu funcionamento restrito ao primeiro semestre, quando acontecem os campeonatos estaduais. Isso implica dizer que apenas uma minoria dos clubes do país funciona durante todo ano.

Na prática, estamos diante de uma forte retração dos postos de trabalho ao longo do ano, que acirra a concorrência para o segundo semestre. O último dado da CBF a esse respeito mostra que 60% dos jogadores perdem o emprego ao longo do ano (CBF, 2017). Essa concorrência pelos postos reforça a necessidade de um capital social específico para ingressar nos clubes, mesmo no futebol profissional, sendo o vínculo com empresários ou agências de atletas exemplos ilustrativos disso.

Souza *et al.* (2022) identificaram, para o ano de 2019, uma taxa de 11,4% de desemprego (flutuação de postos entre o primeiro e segundo semestre) entre jogadores de futebol – um número alto, considerando que é o

esporte mais popular e mais rentável do país, movimentando bilhões de reais. Entretanto, ampliando sua análise e considerando apenas os estratos inferiores do futebol brasileiro, as séries C e D do Brasileirão, esse número sobe para 18,7%. Há uma retração de postos de trabalho mesmo naquela minoria de clubes que dispõem de calendário para todo o ano. É nesse estrato inferior, de última divisão, que estão situados os participantes desta pesquisa, que o futebol tem mais atletas, paga menos e demite mais, sendo o campo onde é possível dizer que está parte significativa da realidade do futebol, longe dos milhões de reais, luxo e holofotes que caracterizam a imagem pública desse esporte.

Nesses estratos inferiores, onde circula menos dinheiro e os salários são menores, podemos vislumbrar um quadro de insegurança contratual crônica (contratos curtos e dispensas repentinas) associado a uma incidência maior do desemprego, o que caracteriza uma realidade material precária para esses jogadores, sobretudo quando estão desempregados e não contam com largas somas monetárias para atravessar esse momento. A repercussão subjetiva desse processo, entretanto, não é conhecida pela literatura.

Não há registros de pesquisas que investiguem como essa realidade econômica reverbera na saúde mental dos atletas, assim como não há estudos sobre as especificidades do trabalho como jogador dos clubes profissionais da última divisão. Se, em seus estratos superiores, há uma forte exposição, glamourização da profissão e alta rentabilidade, que podem repercutir positivamente na vida e subjetividade dos atletas, não sabemos o que pode ocorrer naquelas divisões que não contam com essas consequências positivas. Dito de outro modo, este artigo parte da seguinte pergunta: como o trabalho no futebol profissional da Série D repercute na experiência subjetiva dos jogadores, especialmente no que se refere às bases ideológicas e às estratégias defensivas que sustentam sua permanência na profissão?

Percurso metodológico

Para responder a essa pergunta, mobilizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, conduzida a partir de entrevistas semiestruturadas com 19 atletas de um clube de futebol profissional da série D do campeonato brasileiro,

enfocando o trabalho como jogador de futebol e suas repercussões na saúde mental. Esses dados foram cotejados com dados provenientes da observação participante da realidade desse mesmo clube, na condição de profissional-psicólogo, no decurso de seis meses. Foram observadas e registradas em diário de campo reuniões, jogos, sessões de treinamento, grupos terapêuticos, viagens, celebrações, concentrações e os momentos em vestiário que antecedem e sucedem às partidas.

Entendemos que a dupla condição de pesquisador e psicólogo do clube pode condicionar a maneira como os atletas interagem com as questões e situação suscitadas pela pesquisa. Se, por um lado, ser psicólogo do clube concede ao pesquisador acesso privilegiado a atores e cenas que comumente não são abertas à pesquisa acadêmica, por outro pode produzir vieses relativos às diferenças percebidas e à assimetria de poder. Isso, entretanto, não inviabiliza a pesquisa, uma vez que já há uma extensa tradição das chamadas “etnografias implicadas”, em que o pesquisador é, num só tempo, observador e membro efetivo da comunidade (Angrosino, 2009).

Entendemos, com Wacquant (2002), que fazer pesquisa etnográfica, sobretudo num contexto em que o corpo ocupa uma posição central, é uma tomada do corpo enquanto objeto e instrumento de pesquisa. Desse modo, para promover uma plena integração, o pesquisador participou de ritos iniciáticos, como “fechamentos”, comemorações e batizados (raspando a cabeça para a estreia no futebol profissional e passando pelo chamado “corredor” onde novatos e aniversariantes são golpeados com camisas) e dos chamados “rachões”. O intento era oferecer o próprio corpo à dinâmica social ali em curso, ser por ela investido e, nesse processo, assimilado o tanto quanto possível pelo grupo em questão, de modo a imergir em sua dinâmica.

Os dados aqui expostos, entretanto, não são analisados em sua dimensão clínica, mas como expressão individual e/ou coletiva de sujeitos (devidamente esclarecidos) a respeito de sua profissão. O nome do clube e a identidade dos profissionais foram preservadas. Todos concordaram em participar da pesquisa mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A realização da pesquisa também contou com o

consentimento da presidência da instituição, mediante assinatura de termo de consentimento.

Os dados recolhidos foram analisados no intercurso de duas dimensões: uma de matiz socioantropológico, principalmente a partir das contribuições de Damo (2005) sobre a formação de jogadores de futebol como fenômeno sociocultural e de Goffman (2015) a respeito das dinâmicas de instituições disciplinares. Nessa dimensão, o clube de futebol é tomado como organização do trabalho e instituição disciplinar, cuja dinâmica produz um tipo específico de sociabilidade e de subjetividade.

Na segunda dimensão, procuramos adotar um enfoque mais psicológico, a partir das contribuições da psicossociologia do trabalho, que enfoca a relação do indivíduo com o trabalho por um viés psicodinâmico, numa relação que produz, necessariamente, uma subjetividade, na qual o indivíduo se realiza ou adoece (Dejours, 2015).

Nossa concepção do trabalho está fundada em uma questão mais vasta: a da ação do homem sobre seu ambiente, ação que põe em jogo suas razões e até suas possibilidades de existir. O trabalho *stricto sensu* não pode ser separado das demais atividades humanas, individuais, coletivas ou cívicas. Em outras palavras, tudo o que leva a desarticular o trabalho dessas atividades contribui para sua desumanização (Lhuillier, 2014, p. 6)

Nessa dimensão, procuramos acessar os impactos subjetivos que a condição de trabalhador do futebol de última divisão causa nos jogadores, bem como as estratégias defensivas por eles adotadas para permanecer e dar sentido ao trabalho, a saber: a religiosidade, a família e os coletivos de trabalho (Clot, 2010).

Esses eixos estão, entretanto, consubstanciados nos resultados. A exposição transita entre um eixo e outro de modo a sublinhar as determinações recíprocas entre essas dimensões, de modo a expor um quadro o mais amplo possível do trabalho desses jogadores profissionais da última divisão do campeonato brasileiro.

A gestão do trabalho no futebol da última divisão

No futebol desse nível, praticamente não há espaço de fala para os jogadores. Afinal, há um senso de que eles são pagos (e bem pagos) para jogar,

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

não para falar ou reivindicar. Os clubes funcionam como instituições totais (Goffman, 2015): a forte hierarquia impõe regimes de concentração, padronização nos modos de jogar e vestir, horários para acordar, dormir e realizar cada refeição, metas nutricionais e fisiológicas. Essa dinâmica já é conhecida pela literatura.

Devem, sobretudo, respeitar uma rígida regulamentação de conduta que, em alguns casos, como o da Holanda, dificilmente encontra paralelo entre outras profissões, senão na carreira militar. Horários rígidos pontuando o tempo de trabalho (e o do não-trabalho), disciplina vestimentária [...] fazem o dia-a-dia dos jogadores ser absolutamente controlado, e as penalidades previstas para os casos de transgressões, monetárias e de exclusão da equipe, fazem com que tenham interesse em aceitar o controle (Rial, 2008, p. 52).

Suas redes sociais têm seu conteúdo constantemente monitorado, mesmo nos dias de folga. As “reuniões” em que, em silêncio, os grupos de jogadores devem comparecer para ouvir instruções, reprimendas, receber normativas, cobranças e punições se sucedem, sem que a eles seja concedido o direito à fala.

A rotatividade, a concorrência de um mercado já saturado, os curtos contratos e, principalmente, a possibilidade de dispensa repentina gera um quadro de incerteza permanente, que é explorado pelos clubes como forma de motivar os jogadores e extrair melhores desempenhos. Em dado momento, foi possível ouvir de um dos diretores do clube que

Jogador não pode ficar muito confortável pra não ficar acomodado. Eu preciso gerar neles uma incerteza, uma insegurança. Preciso deixar no ar se ele vai ficar com a gente ou não, preciso contratar outro pra concorrer com ele na posição, preciso cobrar, mostrar que tem regra. Só vai assim (Trecho do diário de campo).

O trecho acima aponta para a incerteza e a angústia dela decorrente enquanto ferramentas de gestão. É a mobilização do sofrimento como estratégia do incremento do desempenho. Somada aos caracteres que conformam o clube de futebol como uma instituição disciplinar, essa declaração indica que toda essa organização do trabalho não produz o sofrimento indiretamente, mas se organiza deliberadamente para promovê-lo.

Quando ganha as pessoas te tratam bem, mas quando perde você não serve. Se você joga, você é útil, se você não joga as pessoas muitas vezes não te olham na cara. Quando olham, você sente que é

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

menosprezado. Você não consegue fazer planos, pois você nunca sabe o que vai acontecer ali na frente... Literalmente afeta em tudo. (Jogador 3).

O quadro permanente de incerteza a respeito da própria condição faz com que os jogadores tenham sua autoestima no trabalho condicionada ao resultado dos jogos e ao seu desempenho individual – que deve ser sempre impecável, sobretudo em funções defensivas. Isso enseja um processo de incerteza a respeito de si, dos outros e, sobretudo, do próprio futuro, pois não se sabe até que ponto durará sua permanência no clube.

Jogar na série D acredito que envolve muito mais pressão familiar, pressão de ter calendário, de fazer uma boa competição para conseguir se empregar no ano seguinte... Porque em muitos casos os clubes pagam pouco e alguns deles até atrasa salário. Isso é muito ruim (Jogador 8).

No futebol desse nível, é comum que, após más sequências e atuações, jogadores sejam dispensados em bloco, como forma de punição aos que vão e pressão/incerteza sobre os que ficam. Afinal, não se sabe quem será o próximo.

O sofrimento experimentado pelos jogadores é, portanto, um desdobramento natural desse processo, não um efeito colateral dele. É a expressão mental (e inconsciente) de uma disputa interna entre direção e jogadores que antecede as partidas contra outras equipes. O futebol carrega em si as mesmas contradições de classe de qualquer empresa privada sob o capitalismo. É nessa esteira que podemos colocar, inclusive, as provocações que são lançadas a qualquer um que se contraponha a essa forma de gestão.

Numa reunião em que se discutia novas modalidades de multa aos jogadores, questionei a necessidade de algumas, já que as infrações levantadas jamais haviam ocorrido no clube. Seriam desgastes desnecessários. Ao que fui prontamente interpelado por um colega: Você está defendendo muito eles. Está com a gente ou está com os caras [jogadores]? Num primeiro momento, não entendi. Achei que fôssemos um time [Trecho do diário de campo].

Isso aponta para o caráter disciplinar da instituição e, também, para sua rígida estrutura hierárquica. Ali, a divisão do trabalho determina que à direção cabe gerir, à comissão técnica cabe pensar o processo de trabalho e, finalmente, aos jogadores executá-lo. A consciência dessa cisão e a certeza de sua condição impermanente, instável e precarizada impedem uma

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

identificação plena com o clube. Por mais que o discurso oficial seja de valorização, bem-estar, estrutura adequada para o trabalho e, mesmo, com a inserção da psicologia em seus quadros, preocupação com a saúde mental, o jogador profissional dessa divisão sabe que sua valorização está condicionada estritamente ao desempenho.

Em geral, o jogador da última divisão é tido como inferior em todos os aspectos: físicos, técnicos e cognitivos. A rígida hierarquia apenas lhes permite jogar conforme as instruções de treinadores, preparadores físicos, fisiologistas, médicos do esporte, entre outros profissionais. Não há espaço para o pensamento e a invenção. A inteligência do jogador, quando muito, figura como sua capacidade de assimilar as instruções que lhe são transmitidas. Uma conversa informal com um dos profissionais da comissão técnica explicita essa divisão:

um time de futebol é como um carro de Fórmula 1. Você tem os mecânicos, que cuidam de cada componente e você tem o piloto, que só chega lá e dirige. Nós [Comissão técnica] somos os mecânicos, nossa função é deixar esse carro nas melhores condições possíveis para correr. O treinador é o piloto que vai conduzir esse carro. Os jogadores são as peças [Trecho do diário de campo].

Sujeitos pensantes são apenas aqueles que fazem o chamado “trabalho intelectual”. Isso põe uma alienação no trabalho muito semelhante ao trabalho taylorizado, na linha de montagem, em que o trabalhador tem diminuído seu poder sobre a atividade, em que o prescrito impera sobre o trabalho real (Dejours, 2015).

No futebol da última divisão, os jogadores são tidos como mercadorias de qualidade inferior. Paira sobre eles o estigma da falta de inteligência, do “baixo nível cognitivo” e da indolência, como se aventa nos corredores do clube. Como “peças”, são manipulados e prontamente descartados, caso sua utilidade não seja reconhecida. São mercadorias nas quais está invertido muito trabalho morto, que circulam por entre clubes, cidades, estados e países com grande velocidade e facilidade (Rial, 2008). “Somos produtos, por isso temos que estar bem todos os dias, mesmo estando com problemas” (Jogador 19).

Suas *performances*, gravadas, compõem vídeos em que recortes de seus melhores lances serão publicados em plataformas e redes sociais, com

vistas à divulgação do seu trabalho. Não jogar, isto é, não estar entre os titulares, é incorrer em dificuldades de permanecer no próprio clube e encontrar novos, pois não se está em exposição.

Trata-se de uma dupla estrutura de mando na qual os jogadores raramente têm poder: em campo, manda o juiz, a quem cabe a aplicação das regras; fora dele, manda a comissão técnica e a diretoria. O poder de agência dos jogadores jaz estritamente na boa *performance*: quando é boa, eles são bons; quando é má, eles são maus. Subjetivamente, quando lembramos da subsunção quase completa do jogador ao trabalho, isso consiste num processo de formação de autoestima condicionado à *performance* em campo, tão instável e imprevisível quanto ela.

Dom, religiosidade e rebeldia

A glamourização da profissão de jogador de futebol é o combustível que impele exércitos de jovens a se submeter a processos seletivos por um espaço na categoria de base dos clubes. Quando perguntados sobre a razão de terem se tornado jogadores de futebol, 15 dos 19 entrevistados falaram sobre o amor pelo esporte e o sonho de jogar. “Sempre foi um sonho de criança. Busquei incansavelmente realizar esse sonho. Graças a Deus, hoje eu vivo do meu sonho” (Jogador 13).

O futebol, portanto, nutre-se do trabalho de um exército de sonhadores. Esse sonho, formado desde a infância, associa à carreira o sucesso, o dinheiro, virilidade e admiração pelos pares. Entretanto, não é um sonho possível para todos, mas apenas para aqueles portadores de um dom, concedido por Deus – de acordo com as crenças dos entrevistados, como o jogador 4, que afirma: “nasci com o dom que Deus me deu”. Por essa razão, o trecho da entrevista enfatiza que, graças a Deus, se vive um sonho.

Os meandros que levam do sonho à sua concretização são tortuosos. O processo se inicia desde as categorias de base, em que os aspirantes serão investidos por um processo formativo cujo objetivo é adequar o seu corpo às qualidades requeridas pelo exercício profissional do esporte.

Nasci com o dom e com o treinamento eu procuro aprimorar esse meu talento todos os dias (Jogador 15).

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

Nasci com o dom, mas fui aperfeiçoando com treinamento para ampliar minhas habilidades (Jogador 2).
Acredito que fui escolhido no meio de tantos outros, mas com meu esforço consegui aprimorar mais (Jogador 6).

Para jogar futebol, então, não é preciso apenas talento, mas a sujeição a um processo pedagógico e disciplinar cuja finalidade é incutir no indivíduo o que Wacquant (2002, p. 84), ancorado em Pierre Bordieu, analisando a formação de pugilistas, chama de *habitus*:

O ato de inculcar as disposições que formam o boxista relaciona-se, essencialmente, a um processo de educação do corpo, a uma socialização particular da fisiologia, em que o trabalho pedagógico tem por função substituir o corpo selvagem por um corpo ‘acostumado’, quer dizer, temporalmente estruturado e fisicamente remodelado segundo as exigências próprias ao campo.

Damo (2005) adapta o conceito de *habitus* ao futebol, chamando-o de “*habitus* futebolístico” e considerando as especificidades técnicas e morais do futebol. Dentre elas, figura a noção de dom concedido por Deus, que também é expressa pelos entrevistados e reforça os apontamentos do autor.

Trata-se da introjeção não apenas de uma determinada forma de dispor de e gerir o próprio corpo, mas também de uma mentalidade voltada à disciplina, à ascese e à competitividade, num processo que começa na adolescência, ainda na base, rumo à profissionalização. Não à toa, um dos entrevistados considera a escolha pelo futebol como uma vocação religiosa: “Eu amo jogar futebol e acredito que esse é o meu chamado missionário, além de jogar futebol, poder pregar a palavra de Deus onde quer que Deus me leve” (Jogador 12).

É possível enxergar uma circularidade do dom: concedido por Deus, ele carece de cuidado e disciplina para ser aprimorado. Uma vez alcançado o sonho, suas benesses devem ser partilhadas, inclusive na forma de testemunho missionário e disseminação da palavra do mesmo Deus que concedeu esse dom. O dom não é do jogador, é dádiva divina. O corpo do jogador, vetor do dom, deve ser zelado e investido por uma disciplina cuja função é fazer aflorar o que veio de Deus. À maneira de Mauss (2008), a dádiva deve voltar à sua origem, na forma da religião e, principalmente, na partilha das vantagens materiais da profissão. Em simultâneo, esse verniz religioso fornece sentido à investidura e permanência na profissão.

A ética da abnegação, da resistência à dor e ao sofrimento e do máximo esforço em muito se assemelha à ética protestante descrita por Weber (2004), daí a pertinência do discurso religioso como gramática do sentido dado à própria profissão. Aqui, é possível afirmar a religiosidade evangélica como ideologia defensiva (Dejours, 2015), uma estratégia simbólica defensiva adotada pelos trabalhadores para enfrentar as contradições e o sofrimento decorrente do trabalho, ou, dito em outras palavras, para civilizar aquilo que, no trabalho, escapa ao seu controle.

A carreira de um jogador de futebol é um processo árduo, em cujo percurso muitos sucumbem, que vai exigir do indivíduo uma ruptura total com formas seculares de vida para lograr êxito, o que aproxima esses atletas de instituições religiosas, sobretudo do protestantismo. Dentre os entrevistados, todos se afirmam cristãos, sendo oito católicos e 11 evangélicos. No Brasil, o cristianismo evangélico é uma tendência religiosa emergente; no futebol, já tem traços de hegemônica. No processo de observação participante, foi possível saber que é comum entre os clubes que, nas vésperas dos jogos, durante a concentração, sejam realizados encontros religiosos, geralmente com a participação de lideranças evangélicas. A esses encontros se dá o nome de célula.

A religião também ampara, sobretudo diante das dificuldades específicas do futebol dos estratos inferiores. Os salários menores, os contratos curtos, a alta rotatividade e as dispensas repentinas são a regra nesses estratos – o que impede, por exemplo, que as famílias os acompanhem até as cidades que sediam os clubes em que eles vão jogar. Isso repercute subjetivamente entre os jogadores como uma angústia crônica, decorrente da incerteza em relação ao futuro.

As pessoas não sabem nem 10% do que se passa na nossa vida de atleta de futebol, a maioria acha que ganhamos salários exorbitantes, mas a realidade poucos sabem (Jogador 15).

As pessoas não sabem muita coisa. Acha que só porque a gente joga bola somos milionários... E pensam que é fácil (Jogador 16).

As pessoas não entendem que a nossa profissão é feita de altos e baixos. Elas só olham os resultados (Jogador 18).

Essa religiosidade dá ao jogador alento e conforto ante um contexto profissional marcado pela competitividade, imprevisibilidade, insegurança

(financeira, contratual), cobranças e assédios. Também dá respostas àquelas situações em que a razão é insuficiente, como numa goleada, num revés, numa bola que não entra e num resultado inesperado. Há toda uma variedade de momentos em que todos que compõem o clube se unem em oração: no começo de uma semana, antes de uma viagem para jogar fora, antes de um jogo ou na comemoração de aniversários. Essas orações, chamadas de fechamento, reiteradas, são espécies de rituais em que se quer domar a imprevisibilidade e as agruras do esporte, civilizando o real do trabalho (Lhuillier, 2014). A crescente presença de evangélicos, cujo emblema maior é o coletivo “Atletas de Cristo”, foi estudada por Petrognani (2019) numa análise antropológica a partir da prática do fechamento.

Todos sabem, entretanto, que os adversários, do outro lado, repetem os mesmos procedimentos. É aqui que a religiosidade, enquanto componente da ideologia defensiva desses trabalhadores, encontra seus outros pilares constitutivos: Deus recompensará com a vitória, gols, boas atuações e ascensão profissional aqueles que trabalharem mais, forem mais fortes e resistentes às dificuldades – valores muito associados à virilidade masculina.

Já a receita para permanecer no exterior incluiria o casamento, e se possível filhos, e o pertencimento a uma religião, preferencialmente evangélica, cujos preceitos rigorosos ajudam a suportar a disciplina imposta pela carreira de futebolista, por eles definida como “sofrimento” (Rial, 2008, p. 48)

A fala dos jogadores deve aparecer em campo, com boas atuações e, principalmente, bons resultados. O corpo, em atividade, é seu principal meio de expressão, como um vetor da catarse de todas as emoções reprimidas durante a rotina de trabalho. Aqui, o *habitus* aparece como aquisição de um gestual técnico padronizado, mas que possui brechas, lacunas, espaços liminares em que é possível imprimir o próprio estilo, a própria marca, a própria expressão no jeito de jogar. O corpo, afinal, é uma das poucas variáveis que o jogador pode controlar em seu trabalho.

Eu entendo já há algum tempo que devo fazer meu trabalho e entregar resultados. Não tô aqui pela pessoa que sou e sim por aquilo que eu entrego dentro de campo. Sei das minhas qualidades e de tudo que posso contribuir. Mesmo não tendo controle sobre decidir se vou jogar ou não, tenho controle sobre minhas ações e meu trabalho. É isso que

busco fazer todos os dias: me apresentar e fazer meu melhor (Jogador 3).

É possível estender esse argumento à própria forma como os jogadores fazem uso do próprio corpo: a estética considerada extravagante, com brincos, piercings, tatuagens, adereços e roupas diversas, pode aqui ser tomada como um espaço de expressão de suas individualidades, tão suprimidas ao longo da carreira.

Contudo, é preciso sublinhar: o corpo é meio de expressão e instrumento de trabalho. Subscritos ao conjunto de saberes e técnicas das ciências do esporte, esses corpos são treinados de modo a extrair o máximo de desempenho; subsumidos ao clube, enquanto instituição que dispõe desses corpos mediante contratos, são vigiados e controlados de modo a ter sua força de trabalho disponível e consumida o tanto quanto possível. A vigilância por câmeras, os horários para chegar, sair, dormir, acordar, se alimentar, treinar, folgar e todo o amplo conjunto de regras (implícitas e explícitas) têm no desempenho sua justificativa.

Há de se levantar a hipótese de que o perfil do jogador é sempre definido na relação com essa disciplina imposta. Como Goffman (2015) identificou em outras instituições totais, há aqueles que aderem completamente à dinâmica, confundindo-se com ela e há aqueles que contra ela se rebelam, rotulados negativamente. No futebol, essa relação pode ser definida na forma de um gradiente, com dois extremos: no primeiro, a adesão é completa a ponto de o jogador adotar uma religiosidade congruente à disciplina, como o é a evangélica; no outro, há a rebeldia a nível de corpo, com brincos, tatuagens e um padrão comportamental marrento, conhecido como “perna”, dado à vida noturna e à malandragem (DaMatta, 1982).

Os clubes lidam de forma ambígua com esses perfis. Embora, por um lado, promovam a disciplina e esperem docilidade dos jogadores, por outro, a docilidade excessiva pode prejudicar. Em campo, pode significar falta de criatividade, de energia e de agressividade, que também são qualidades valorizadas no futebol. Os atletas evangélicos, por exemplo, são exemplos de moral e disciplina, mas sua presença excessiva incomoda. Certa vez, em

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

diálogo com funcionários do clube num contexto de baixa da equipe no campeonato, os reveses foram atribuídos à presença evangélica no clube.

Olha... Quando você vir que tem mais de 10 jogadores participando da célula, pode saber que tá errado. Pode ter certeza de que nós vamos perder. Jogador bom é porra louca. Pastor, varão, irmão demais não dá certo [Diário de campo].

A rebeldia, portanto, é pontualmente celebrada, como um contrapeso da disciplina, sobretudo quando é diretamente associada à inventividade, virilidade e a resultados positivos. O tipo social do jogador rebelde, que frequenta festas, consome álcool e outras drogas, é figura frequente no imaginário popular e midiático a respeito da profissão. Na prática, pode ser tomado como a contraparte dialética da rigorosa disciplina a que são submetidos os atletas, como resistência agonística a ela, como forma de afirmação da masculinidade ante a rígida hierarquia dos clubes.

Dejours (2015), ao analisar trabalhadores da construção civil, identificou a recorrência de padrões arriscados de comportamento entre os operários, num trabalho cujas condições, em si, já são demasiado arriscadas. Essa exposição ao risco é entendida pelo autor como parte de uma ideologia defensiva na qual coragem, virilidade e comportamentos limítrofes são valorizados, numa espécie de ironia cujo objetivo é enfrentar a angústia que a profissão, pela sua própria natureza, produz. Trata-se de satirizar ao máximo os riscos que envolvem seu trabalho a ponto de torná-los ridículos e, por conseguinte, menos ameaçadores, ao passo que se valoriza, pela via da masculinidade, aqueles que conseguem tolerá-los e ridicularizá-los. Entretanto, essa ideologia é aproveitada pela empresa, que se vê dispensada da melhoria dessas condições de trabalho e investimento na segurança dos trabalhadores.

Essa compreensão pode ser estendida ao futebol. Aqui, o que se aproveita é a agressividade, a inventividade e a malandragem, com os resultados em campo. A rebeldia em relação às normas é, então, esperada. O excesso de regras, cobranças e assédios, que têm sua justificativa na produção de docilidade, produz um cenário crônico de angústia diante do qual se espera a rebeldia de alguns – mas não de todos, para que se preserve a coesão do grupo.

Paira uma crença de que a virilidade da noite, da festa, da malandragem e das múltiplas parceiras sexuais se converte em resolutividade. A disciplina produziria, portanto, homens altamente angustiados, sob estresse crônico, que irão explodir em campo, intimidando adversários, enfrentando arbitragem, encarando a torcida adversária e “resolvendo” partidas. Daí as histórias quase míticas das aventuras noturnas de grandes craques brasileiros, como Romário, Ronaldo e, mais recentemente, Neymar, fazerem sucesso na crônica esportiva.

Família: investidora, sustentação emocional e responsabilidade

A literatura antropológica sobre o futebol confere centralidade à família na carreira do jogador de futebol profissional (Damo, 2005; Rial, 2008). Frequentemente, a carreira já aparece como projeto familiar antes mesmo do nascimento da criança. Pais, tios e avós já carregam essa carreira como ideal de profissão e ascensão profissional, tendo pessoalmente tentado ingressar nessa carreira. Cabe aos pais (ou um parente mais próximo) dirigir aquelas crianças consideradas mais talentosas às categorias de base dos clubes ou escolinhas de futebol, onde elas adquirirão o *habitus* futebolístico (Damo, 2005; Wacquant, 2002). “Desde criança eu fui inserido no meio do futebol, meu pai me colocou numa escolinha e desde então tive um sonho de me tornar um jogador profissional” (Jogador 8).

Uma vez inserido na carreira e colhendo frutos positivos de seu trabalho, a parentela imediata é a que será favorecida. A carreira de jogador é um empreendimento familiar, afinal. Os ganhos são socializados entre toda a família (Damo, 2005). Mais tarde, entretanto, antes mesmo de se profissionalizar, esse jogador entrará no movimento migratório entre localidades e clubes que Rial (2008) chamou de “rodagem”. Isso o afasta da parentela imediata, provocando isolamento e saudade, como já referido acima.

Como já referido, a formação de um jogador de futebol consiste na sua modelagem como mercadoria. Para tanto, uma série de saberes, técnicas e profissionais trabalham sobre ele, de modo a formar um *habitus* futebolístico adequado ao futebol de espetáculo (Damo, 2005). Noutros termos, o jogador de futebol, além de trabalhador, é uma mercadoria com valor de troca, que em

si abriga a investitura de muito trabalho morto. Como mercadoria, está subsumido aos seus círculos de produção, circulação e consumo.

E circulam com muita frequência e facilidade, trabalhando em diversas cidades, estados e países, num processo que começa no meio da adolescência. Rial (2008) aponta que a entrada nas categorias de base de um clube é apontada pelos jogadores como a principal ruptura em suas vidas, quando se isolam da família, amigos, da terra natal e de sua comunidade de origem. A partir daí, começam o que chamam de “rodagem”, pulando de clube em clube, cidade em cidade, país em país. Nesse processo, não conformam o cosmopolitismo que se espera de quem conhece realidades diversas, pois sua experiência, de trabalho e disciplina intensa, se reduz aos espaços dos clubes, do futebol, hotéis e aeroportos.

É comum que, assim que se profissionalizam, começam a ascender e a “rodar”, os jogadores de futebol encontrem uma companheira, se casem e tenham filhos. O casamento, assim, sucede à saída do espaço familiar original, suprimindo a ausência e promovendo a regulação emocional ante as dificuldades impostas pelo trabalho (Rial, 2008). É comum ouvir nos bastidores que, após se casarem, muitos jogadores “entram na linha”, aderindo de modo mais intenso à disciplina exigida pelo clube. O casamento, aqui, aparece como regulador emocional e reforçador da adesão à disciplina, promovendo alguns avanços significativos na carreira.

Esposas e filhos, contudo, também estão subsumidos às mesmas irregularidades e incertezas às quais o jogador está: sentem saudade do lugar de origem, de suas próprias famílias e redes de amigos. São atingidos na mesma medida pela insegurança, irregularidade e cobrança. Vivem o futebol a partir de uma perspectiva própria.

Juntas, essas esposas formam um coletivo próprio, com encontros, grupos em redes sociais e celebrações regulares. Estão presentes nos jogos, vestidas sempre com a camisa do clube da vez. Na saída dos estádios, após os jogos, independentemente do resultado, ficam perfiladas, à espera do companheiro. Aderem à mesma religiosidade evangélica de seus esposos, numa forma de alento e elaboração dos mistérios do esporte, vicissitudes do esporte (DaMatta, 1982). E, assim como os jogadores, fazem seus próprios

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

encontros religiosos, conhecido como “célula feminina”. A religiosidade é uma reforçadora de toda a família. O clube designa uma profissional do sexo feminino para estabelecer uma ponte e organizar ações que contemplem as esposas. É comum ouvir recomendações a profissionais do clube para que evitem contato com essas mulheres, pois “com mulher de jogador não se mexe”.

Nas entrevistas, a família e a religiosidade aparecem como os principais sustentáculos da carreira do jogador de futebol, como está disposto no Quadro 1. Marginalmente, com uma resposta, aparece “necessidade”, que figura noutras partes deste texto. A comunhão entre família e religião, representada pelos encontros religiosos de mulheres, é uma consubstanciação quase intuitiva.

QUADRO 1 - SUSTENTÁCULOS DO JOGADOR

Categoria	Frequência
Família	14
Religião	6
Necessidade	1

Fonte: Elaboração própria (2026).

Outra parte dos jogadores desta pesquisa não levou suas famílias (esposas e filhos, principalmente) para residir na cidade onde está sediado o clube. Eles moram nas dependências do clube e dividem quartos entre si, numa forma de desonerar o clube de custos com moradia, tornando mais atrativa a possibilidade de firmar um contrato. Na prática, isso intensifica a experiência do isolamento.

Exilados de sua terra, da família, do mundo secular e, mesmo, dos demais funcionários do clube (que não são submetidos ao mesmo regime de trabalho nem às mesmas cobranças). Tornam-se jogadores através da família e o continuam sendo para a família. Numa carreira cujos sacrifícios são feitos em nome de um bem-estar coletivo, não individual.

[O futebol] afeta em tudo. Distância da família, saudade, muitas vezes solidão [...] você não consegue fazer planos, pois você nunca sabe o que vai acontecer ali na frente, literalmente afeta em tudo (Jogador 3).

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

As pessoas só veem os 90 minutos, não veem o dia-a-dia, e nem o que os atletas abrem mão da sua vida, família e tudo mais (Jogador 10).

A construção da identidade do jogador de futebol passa muito pela via da masculinidade provedora. A esses homens cabe trabalhar, resistir, silenciar e suportar dinâmicas de alto sofrimento, pressão e privação em nome da família. Precisam resistir, permanecer e vencer numa carreira em que os familiares também investem afetivamente e por ela são investidos. Essa instituição perfaz, então, um tensionamento: de um lado, confere sustentação emocional; do outro, pesa como responsabilidade.

Muitos pensam que é só jogar e nada mais. Deixamos muitas coisas para trás: deixamos nossas famílias, pais, irmãos... Nossos parentes como um todo, né? Vivemos no mundo. Muitas vezes ficamos longe dos filhos, temos pressão de tudo quanto é lado e temos que estar com a cabeça boa todos os dias pra poder trabalhar. Mesmo tendo problemas, temos que ser fortes para trabalhar bem. Temos que nos provar todos os dias (Jogador 19).

Diante desse contexto generalizado de isolamento, renúncias e pressão, não resta outra alternativa senão a união com os pares. Forma-se, assim, um coletivo sólido de trabalho entre aqueles que partilham da vivência comum de ser um jogador dos escalões menos prestigiados do país.

Coletivos de trabalho no futebol

A observação participante mostrou que a direção dos clubes e a comissão técnica enxergam os jogadores de futebol como corporativistas, fechados num coletivo cujos interesses não coincidem com os do clube. Essa experiência antagônica cria coletivos distintos dentro de uma mesma instituição clubística, cujo interesse maior, a vitória de todos, esconde uma miríade de interesses e disputas outras que se dão internamente.

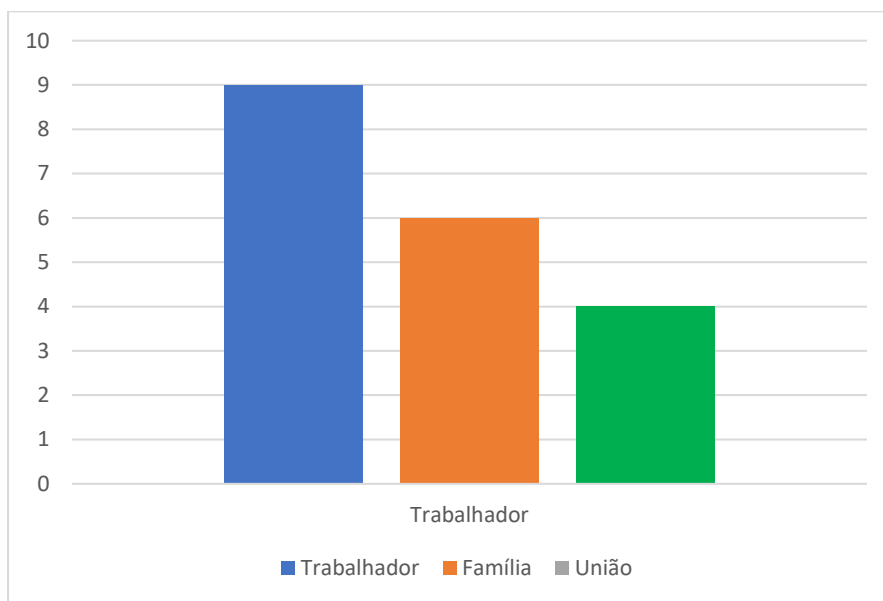
Damo (2005) atribui essas contradições internas à divisão do trabalho no futebol: aos jogadores, de origem preta e pobre, cabe jogar, desempenhar o trabalho manual. Às camadas mais abastadas, branca e burguesa, cabe pensar os processos de trabalho/treinamento e, sobretudo, dirigir os clubes. Esse cenário se repete no clube em questão, sobretudo quando se observa a constituição social e racial de seus membros – 63% dos jogadores se autodeclararam pretos ou pardos, enquanto a diretoria é composta apenas

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

por brancos – a tônica do capitalismo brasileiro, com suas classes sociais se constituindo racialmente (Moura, 2019).

Durante um grupo focal, os atletas foram perguntados sobre a palavra que melhor define seu coletivo. O resultado, ilustrado pelo Gráfico 1, é elucidativo.

GRÁFICO 1 - AUTODEFINIÇÃO DO GRUPO



Fonte: Elaboração Própria (2026).

O coletivo de jogadores se considera, predominantemente, trabalhador, numa união que se dá a partir de uma experiência comum de dificuldades, incertezas, pressão e, sobretudo isolamento. O tempo despendido juntos e as experiências partilhadas fazem com que as uniões que constituem entre si ganhem um estatuto familiar, como se as amizades feitas no trabalho ocupassem o espaço deixado pela família, como atesta o Jogador 13: “Fico distante de familiares e amigos, porém também é um espaço de fazer novos amigos que, às vezes, levamos para vida toda”.

É notável a facilidade com que se estabelecem e se dissolvem os laços, em razão da alta flutuação de jogadores no mercado. A defesa contra essa volatilidade é exatamente a certeza de que, independentemente do clube para onde se está indo, a acolhida pelo coletivo será certa, pura e simplesmente a partir da condição de uma profissão em comum.

Esses coletivos de trabalho funcionam ao modo das corporações de ofício, acolhendo novatos, regulando o exercício do grupo e defendendo seus interesses junto à direção – em relações horizontais, pautadas na reciprocidade e fraternidade. Essa similaridade também foi identificada por Feltran (2018), em coletivos situados à margem da lei – que experienciam também uma espécie de isolamento. Dejours (2015) e Clot (2010) sublinham a função pedagógica e reguladora desses coletivos: transmitem ensinamentos sobre o ofício (*métier*), conferem coesão grupal, solidificam a identidade e promovem relações de regulação emocional. A saúde do trabalhador é conformada pela sua inserção em um coletivo de trabalho (Clot, 2017).

Cada coletivo, entretanto, possuirá suas particularidades, em função da natureza do trabalho. No coletivo deste estudo, por exemplo, as lideranças são estabelecidas a partir de processos informais de reconhecimento, que envolvem inteligência, carisma, disponibilidade afetiva, técnica e facilidade no manejo da “resenha”. Durante a observação participante, era comum dois ou três jogadores específicos procurarem a direção (ou serem por ela procurados) para tratar de acordos coletivos, como premiações e folgas, por exemplo. Em casos mais extremos, essas lideranças procuravam a comissão técnica para debater estratégias de jogo.

Não é, portanto, prescrita ou estabelecida de fora, mas construída pelos próprios membros de um coletivo. Estabelece-se, desse modo, uma retroação entre a formação do coletivo e a cooperação. Forma-se, em consequência, uma visibilidade a partir da qual os pares podem partilhar experiências e oferecer retribuições simbólicas ao trabalho bem realizado por cada um (Machado *et al.*, 2010, p. 701).

A cooperação desse coletivo de trabalho é fundamental não apenas para a organização do trabalho (Dejours, 2015), mas também para a consecução dos objetivos individuais e coletivos que envolvem um clube de futebol. É comum ouvir, por exemplo, que um treinador precisa ter o grupo “na mão” para se sustentar no cargo – e isso não depende apenas de suas qualidades como técnico, mas da sua capacidade de fazer e manter vínculos com os jogadores. Caso haja descontentamento geral com um treinador, esse mesmo coletivo provoca, direta ou indiretamente, sua demissão.

Há, ainda, um componente que determina a força e a importância desse coletivo para a saúde do jogador: a sensação de isolamento, mencionada

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

acima, não se dá em relação apenas à terra natal, à família, amigos e aos outros grupos dentro do próprio clube. Devido à glamourização da profissão, existe um senso consolidado entre os jogadores de que sua experiência com o trabalho árduo e os sofrimentos por ele ensejados são invisíveis, apreensíveis apenas por aqueles que partilham dessa condição.

Eles [Os de fora] acham que jogar futebol é fácil, não sabem o preço que tem que pagar todos os dias e os sacrifícios (Jogador 1).

“[As pessoas não sabem] as renúncias que são feitas, o trabalho que é feito dia a dia, pois o futebol não é apenas 90 minutos. Existem os bastidores, que exigem esforço, disciplina resiliência e muito foco, determinação (Jogador 2).

As pessoas de fora acham que o futebol é aquilo que elas veem na televisão. Mas nós sabemos que aquilo é somente o topo do iceberg. Tudo aquilo que eles não veem, é aquilo que nós vivemos (Jogador 3).

Pertencer a um coletivo, então, além de cooperar ou aprender técnicas constitutivas da profissão, é ser visto e ter o próprio sofrimento reconhecido. O coletivo, no futebol, exerce uma função de escuta implícita, na medida em que as relações se dão num contexto complexo de isolamento e silenciamento.

Esses apontamentos, em alguma medida, se alinham aos de Flores (1982) quanto ao igualitarismo inerente aos coletivos de jogadores profissionais: ali, de acordo com o autor, desaparecem (e são repudiadas) as diferenças individuais e individualismos. Mesmo os mais bem sucedidos comem da mesma comida, vestem os mesmos uniformes, têm os mesmos treinamentos e recebem as mesmas premiações coletivas. Esses sujeitos, que experimentam assimetrias de poder durante toda a sua trajetória pessoal e profissional, incluindo nos bastidores do futebol, encontram nesse coletivo a igualdade, fraternidade, acolhimento e apoio de que necessitam.

Sonho e realização na atividade

Em síntese, podemos dizer que a profissão de jogador de futebol, em sua forma mais conhecida e afortunada, no Brasil, é uma realidade acessível apenas àqueles inseridos em seus escalões de cima, da primeira e segunda divisão, principalmente. A fama, reconhecimento e o dinheiro, que podem recompensar todo o sacrifício, isolamento e sofrimento relatados neste artigo, estão lá.

Entretanto, há outros marcadores que sustentam a permanência da profissão. A escolha pelo futebol não vem apenas de suas recompensas materiais, mas do próprio gosto pelo esporte. “Sempre fui apaixonado por futebol” (Jogador 3); “Sempre foi o que mais gostei de fazer (Jogador 6)”; “Porque é a coisa que mais amo” (Jogador 7).

Dos 19 entrevistados, 18 relataram que escolheram o futebol pelo gosto e, principalmente, por ser o seu sonho, como sintetiza o Jogador 8: “Sempre foi um sonho de criança. Busquei incansavelmente realizar esse sonho. Graças a Deus, hoje eu vivo do meu sonho”. Viver do que gosta de fazer e, sobretudo, do que sonhou desde criança é um fator de realização, a despeito das dificuldades encontradas recorrentemente no trabalho.

É na atividade, momento em que objetivam o seu gosto, dom e trabalho, que esses jogadores se realizam, a despeito das dificuldades. É na oportunidade de objetivar seu *métier* que esses jogadores são ativos e, em alguma medida, autônomos nessa função. Dentro de campo, a despeito de todas as prescrições, existe uma margem de ação que cabe apenas ao jogador: o uso do corpo, a tomada de decisão, o controle do espaço, tempos e movimentos da atividade. É aí que, em relação ao seu trabalho, esses trabalhadores produzem saúde (Clot, 2017). “Dentro de campo eu sou capaz de esquecer de tudo (Jogador 7); “Quando estou treinando esqueço dos problemas de fora e aproveito o momento de fazer o que mais gosto” (Jogador 12).

A argumentação tecida até aqui permite apontar que os fatores que conferem sustentação ao jogador de futebol na carreira são externos à instituição em que estão: a família, a religiosidade, o coletivo de trabalho (que se forma em oposição à instituição) e, finalmente, a atividade (pela qual se tem gosto e com a qual se sonhou). Esses eixos estão sintetizados no Quadro 2, abaixo.

QUADRO 2 - SUSTENTÁCULOS DO JOGADOR DE FUTEBOL DA ÚLTIMA DIVISÃO

Eixo	Função
------	--------

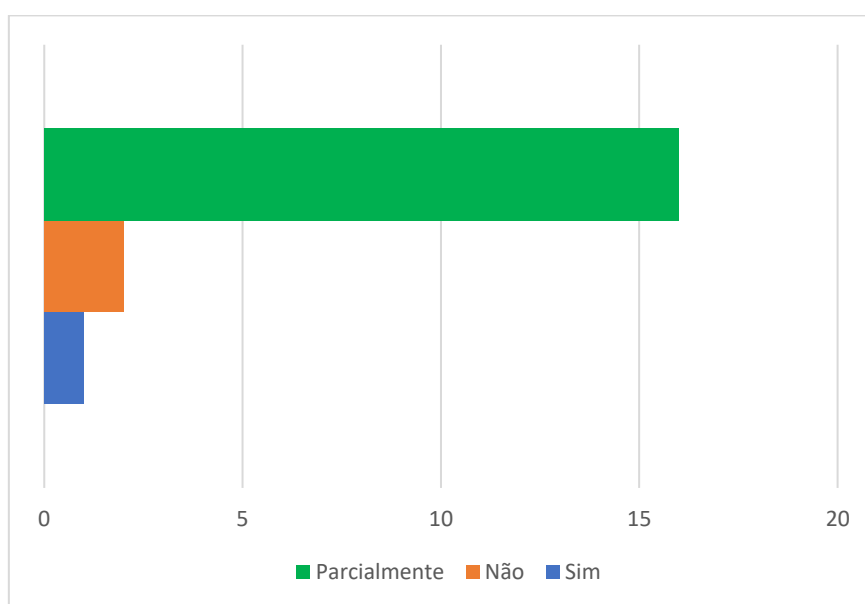
Religiosidade	Elaboração/sentidos do sofrimento
Família	Apoio/Sustentação afetiva
Coletivo	Reconhecimento/Defesa de interesses
Atividade	Realização subjetiva

Fonte: Elaboração Própria (2026).

Na verdade, é desse gosto e sonho que o futebol, enquanto instituição, se nutre para atrair exércitos de jovens – geralmente pretos e das classes menos favorecidas – para os seus quadros. Esse exército de reserva (Marx, 2013) é o fundamento para a manutenção de vínculos precários, baixos salários, alta pressão/assédio e práticas institucionais de produção de sofrimento. Afinal, como já visto, na última divisão há uma quantidade permanentemente alta de jogadores desempregados. Aos jogadores empregados, esse coletivo de trabalhadores, sonhadores e apaixonados pelo esporte, resta o recurso a fatores externos ao futebol como estratégia de resistência e permanência, na esperança de que a carreira um dia lhe conceda as promessas de reconhecimento e riqueza que o ideário popular constrói.

O Gráfico 2 ilustra que apenas 10,5% dos profissionais entrevistados realizou os objetivos de vida através do futebol:

GRÁFICO 2 - REALIZAÇÃO DE OBJETIVOS DE VIDA NO FUTEBOL



Fonte: Elaboração Própria (2026)

São objetivos modestos, como garantir aposentadoria dos pais, casa própria para a família, estabilidade financeira, bem-estar material para os filhos. Alguns, como o Jogador 19, ainda não têm casa própria e vivem de aluguel: “Quero realizar o sonho de construir minha casinha ainda... Já comprei o terreno, agora falta subir”. Objetivos e dilemas comuns à maior parte da classe trabalhadora brasileira, o que perfila esses profissionais nessa condição. Não estão acima nem abaixo daqueles que comparecem às arquibancadas para torcer, cobrar e, por vezes, idolatrá-los. Isso qualifica o mercado de trabalho do futebol profissional da última divisão como mais uma expressão do capitalismo brasileiro.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo principal investigar a maneira como o trabalho no futebol profissional da última divisão do Brasil produz subjetividade entre seus jogadores, enfocando principalmente as estratégias subjetivas e coletivas mobilizadas para garantir sua permanência na profissão. Como motores analíticos, figuram a antropologia/sociologia do esporte, que contribui para o entendimento do futebol como prática social, e a psicossociologia do trabalho, que sublinha a atividade do jogador como trabalho, para além do desporto.

O desenrolar da pesquisa evidenciou que marcadores como família, religiosidade, coletivo de trabalho e o próprio desempenho da atividade são os principais sustentáculos subjetivos dessa permanência. A organização do trabalho no futebol, encarnada pelo clube, se dinamiza a partir da disciplina, da pressão por desempenho, do estímulo à concorrência, da precariedade do vínculo de trabalho e, principalmente, da produção sistemática de incerteza e ansiedade entre os jogadores como ferramenta de gestão.

Isso nos leva a inferir que o trabalho nas instituições clubísticas da última divisão não garante aos jogadores a mesma fama, prestígio e condições materiais/financeiras de que gozam seus pares das divisões superiores. Aqui, o trabalho se organiza em torno da produção de sofrimento, um mecanismo de superexploração dos estratos mais precarizados da classe trabalhadora como um todo, que só é tolerada pelos jogadores a partir da mobilização de

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

estratégias externas de gestão coletiva do sofrimento, a saber: a família, religiosidade, o coletivo de trabalho e a própria atividade.

Isso nos permite questionar até que ponto o discurso do bem-estar, do respeito e, principalmente, da promoção de saúde mental, que começa a figurar no futebol atual, tem pertinência numa dinâmica de trabalho organizada em torno do sofrimento. Até que ponto é possível cuidar da saúde mental desses atletas? Acreditamos que, nesse contexto institucional, a psicologia deve almejar práticas e ações que vão além do funcionalismo e do individualismo tradicional de sua inserção no esporte, apontando para as dinâmicas grupais, institucionais e sociais que determinam a condição psicológica desses atletas em seu trabalho e trabalhando pela sua transformação. No esporte (e onde quer que esteja situada) a psicologia deve se posicionar criticamente contra práticas e estratégias de opressão da pessoa humana e sustentar seu compromisso social.

Este estudo, entretanto, está baseado apenas em um clube da última divisão. Suas contribuições não pretendem esgotar a temática da organização e do trabalho no futebol desse escalão, mas evidencia a necessidade de mais incursões acadêmicas nesse que é um território cuja dinâmica ainda resta conhecer.

Referências

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. *Lei n. 6.354, de 2 de setembro de 1976*. Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1976. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16354.htm

BRASIL. *Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998*. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm

CLOT, Yves. *Clínica da atividade*. Horizontes, Bragança Paulista, v. 35, n. 3, p. 18-22, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24933/horizontes.v35i3.526>. Acesso em: 14 maio 2026.

CLOT, Yves. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). *CBF anuncia novo calendário do futebol profissional masculino*. Rio de Janeiro: CBF, 2025. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/por-dentro-da-cbf/comissao-dopagem/substancias-de-abuso/cbf-anuncia-novo-calendario-do-futebol-profissional-masculino>. Acesso em: 14 Março de 2026.

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. *Raio-X do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: CBF, 2017.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 6. ed. São Paulo: Cortez; Oboré, 2015.

FELTRAN, Gabriel S. *Irmãos: uma história do PCC*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FLORES, Luiz Felipe B. N. Na zona do agrião: algumas mensagens ideológicas sobre o futebol. In: DAMATTA, R. (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p. 59-86.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

LHUILIER, D. Introdução à psicossociologia do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 17, n. spe. 1, p. 5-19, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v17i1espp5-19>

MACHADO, Genilza E.; ARAÚJO, Anísio J. S.; ZAMBRONI-DE-SOUZA, Paulo César; ATHAYDE, Milton Raimundo C. de. Coletivos de trabalho, inserção e formação: o caso dos juizes do trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 30, n. 4, p. 698-711, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000400003>

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2008.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

“Tudo que eles não veem é o que a gente vive”: sofrimento e resistência entre jogadores profissionais do futebol da última divisão do Brasil | Aleixo

PETROGNANI, Claude. Religião e futebol no Brasil: análise do “fechamento”. *Civitas*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 247–260, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.27424>

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21–65, dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>

SOUZA, Thaís N. *et al.* O cenário do desemprego de jogadores profissionais de futebol brasileiro durante a temporada 2019. *Revista Brasileira de Futebol*, v. 15, n. 3, p. 63–75, 2022. Disponível em: <https://www.rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol/article/view/372>.

TEGA, E. Futebol e sustentabilidade | Eduardo Tega | TEDxInatel. Publicado pelo canal TEDx Talks, 13 out. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ImHRzXfzlYY>. Acesso em: 11 maio 2026.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma*: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.